

UM ESTUDO SOBRE A SEMÂNTICA DO PLURAL: A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO

Tiago Vieira de Souza (UFRJ)¹
Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ)²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar e descrever o comportamento de expressões nominais em Português Brasileiro (PB), no que se refere à distinção contável-massivo. Baseado na teoria da Semântica Formal, o foco do trabalho é a análise da semântica do plural. Em outras palavras, propomo-nos a checar as condições que geram a aceitabilidade (ou a falta dela) de morfema plural em nomes contáveis e massivos. Com base nesse objetivo, aplicamos um teste para checar as possíveis interpretações dos informantes quando estão expostos a formas plurais em nomes contáveis, bem como em nomes massivos. Nesses termos, é importante ressaltar que os massivos que aceitam a forma de plural apresentam uma interpretação de quantidade diferente da que é obtida para os massivos sem morfema plural. Além disso, também podemos trazer para a discussão que a interpretação dos massivos pluralizados é totalmente diferente da que é associada aos contáveis na forma de plural. Desse modo, atestamos a importância de se debater e refletir os limites da noção de plural nos nomes, já que o uso do morfema de plural não aparece apenas nos nomes contáveis; ou seja, não devemos excluir os nomes massivos dessa análise.

Palavras-chave: plural; nomes contáveis; nomes massivos.

A RESEARCH ABOUT THE SEMANTICS OF PLURAL: THE MASS-COUNT DISTINCTION

Abstract: This research aims at analysing and describing the behavior of nominal expressions in Brazilian Portuguese (BrP) concerning the mass—count distinction. Based on Formal Semantics, the focus of this research is to analyse the semantics of nouns in plural forms. In other words, we propose to check the possible informants' interpretations when they are exposed to countable nouns in plural forms, as well as in mass nouns. In these terms, it is important to emphasize that mass nouns which accept plural form they present a different interpretation of quantity if compared with the one that happens with mass nouns without plural form. Furthermore, we can also discuss that the interpretation of mass nouns in plural form is totally different from the one that is associated to countable nouns in plural form. Therefore, we legitimate the importance of discussing and reflecting the boundaries in the notion of plurality in the nouns, since the use of morpheme of plural does not appear only for the countable nouns; then, we cannot exclude the mass nouns from this analysis.

Key-words: plural; countable nouns; mass nouns.

¹ Mestrando em Letras Vernáculas (PPGLEV/UFRJ). E-mail: tiagovsouza96@gmail.com

² Doutorado em Linguística (Universidade de São Paulo). Docente do Programa de Pós-graduação Letras Vernáculas (UFRJ). E-mail: anaquadrosgomes@letras.ufrj.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a analisar o contraste existente entre nomes massivos e contáveis do Português Brasileiro (doravante PB) e, com isso, buscamos estudar as possíveis interpretações para os sintagmas nominais que configuram exemplos de nomes massivos e nomes contáveis no plural. Dessa forma, discutimos algumas questões sobre a semântica do plural no que diz respeito aos nomes massivos e contáveis, como: (i) diferentemente de como a Gramática Tradicional (GT) faz, o morfema -s não está somente associado à atualização de noção de “mais de um”, o que acaba gerando interpretações bastante diferentes/inusitadas para nomes massivos que recebem a forma plural; (ii) mostraremos que, apesar do fato de que a literatura especializada em semântica formal discutir que nomes massivos não recebem morfema de plural - como a visão de Link (1983) -, o PB apresenta alguns exemplos de nomes massivos com marca de plural.

De modo bem geral, podemos dizer que os nomes massivos referem-se à substâncias sem forma e sem unidade padrão no mundo. Além disso, a gramática reflete que os massivos não podem ser pluralizados e nem receber modificação alguma por números cardinais - no entanto, discutiremos neste trabalho algumas das possibilidades dos massivos receberem morfema plural. Já os nomes contáveis denotam objetos de fácil individualização e, por isso, são passíveis de receber contagem.

Nesse contexto, é relevante discutir que tais massivos que recebem o morfema de plural acabam apresentando uma interpretação de quantidade diferente da que decorre de massivos sem a forma plural. Além disso, a leitura que se faz dos nomes massivos no plural é totalmente diferente da interpretação associada aos nomes contáveis pluralizados. Neste ponto, vemos a importância de se discutir os limites entre contável-massivo no que

diz respeito à semântica do plural. Dessa maneira, conseguimos, portanto, investigar se os nomes massivos podem ser pluralizados e como esse plural é interpretado pelos falantes. Com isso, chegamos a uma conclusão prévia de que a descrição e análise da GT não dá conta dos fatos.

Nesses termos, desenvolvemos e aplicamos um teste com a intenção de checar a hipótese de que os contáveis sempre significam duas ou mais unidades (quando apresentam cardinalidade e/ou morfema plural, como “duas cadeiras”, “três bolas”, por exemplo), mas que os massivos no plural não têm essa leitura. Em contrapartida, as possíveis leituras que Gomes e Oliveira (2019) propõem para os massivos são: um corpo único com volume abundante (“as areias do Saara”, “as águas da Guanabara”), número de tipos (“os vinhos da França”) ou episódios (“as dores de amor” = quantas vezes a pessoa sofreu por amor). Tais leituras possíveis são postas à prova no teste em questão.

Desse modo, este trabalho visa discutir e analisar as possibilidades de pluralidade em nomes massivos e contáveis no PB, discutindo, dessa forma, as condições de ocorrência do morfema de plural em nomes massivos, bem como as interpretações obtidas quando tal pluralização é permitida. Trataremos desse tema à luz da semântica formal.

A SEMÂNTICA DO PLURAL

Para refletirmos sobre a semântica do plural, é importante, primeiro, entendermos a estrutura do Sintagma nominal (SN) que, conforme descrito por Gomes e Mendes (2018), há três tipos de estrutura para nominais argumentais em PB: sintagma de determinante (“O homem chorou”), singular nu (“Homem não chora”) e plural nu (“Homens choram”) (GOMES; MENDES, 2018, p. 61). Nesses termos, as autoras defendem que a interpretação de quantidade do SN depende de

três fatores: a estrutura do SN (tem determinante ou não? - os sintagmas nominais chamados ‘nu’ são os que não apresentam determinantes), o tipo de sentença (genérica - com sentido geral - ou episódica - com sentido específico -?) e presença ou não de morfologia de plural (ou de quantificador distributivo). Sendo assim, nos exemplos apresentados vemos que em “O homem chorou”, a sentença episódica com o determinante no singular faz referência a apenas um homem. Já em “Homem não chora”, temos uma sentença genérica sem determinante e sem morfema de plural que pode fazer referência tanto a uma quantidade plural de homens como a apenas um. No último exemplo, temos uma sentença genérica sem determinante, mas com morfema de plural, ou seja, pode referir-se a uma quantidade plural de homens ou apenas a um homem. Dessa maneira, Gomes e Mendes (2018) concluem que uma oposição binária entre presença ou ausência de morfologia plural, olhando apenas para o nome isolado, não dá conta do fenômeno.

Gomes e Mendes (2018) discutem que, na tradição gramatical e escolar, muito se fala sobre a marcação de número como um fenômeno morfossintático. Com isso, a exploração da semântica do plural nunca foi um tópico bem explorado nas aulas de Português. Desse modo, o que os alunos e o falantes em geral tem em mente é que a forma singular veicula a noção de uma unidade e a forma plural refere-se a dois ou mais.

Com base nessa ideia, as autoras atestam que algumas sentenças seguem a noção discutida acima, ou seja em “A minha caneta é azul” e “As minhas canetas são azuis” (GOMES; MENDES, 2018, p. 63), têm-se a ideia de singular e plural respectivamente. Em outras palavras, a noção singular e plural está associada ao número (cardinalidade): um ou mais de um. No entanto, as autoras, para contrapor e repensar esta ideia defendida pela tradição, discutem a noção veiculada em sentenças genéricas, como por exemplo: “As

laranjas têm vitamina C” ou “A laranja tem vitamina C” (GOMES; MENDES, 2018, p. 63). Tais exemplos não estão relacionados a uma quantidade específica de laranjas que possuem vitamina C, mas que, de forma geral, todas as laranjas têm esta vitamina. Ou seja, por mais que o morfema -s indique plural em “laranjas”, a falta dele em “laranja”, considerando uma sentença genérica, não implica uma noção de singular. Portanto, nas palavras das autoras, “a questão do que é plural e do que é singular não é tão simples” (GOMES; MENDES, 2018, p. 63).

Nesse contexto, Gomes e Mendes (2018, p.64) discutem exemplos, alguns dos quais analisaremos neste trabalho, em que o morfema -s não atualiza o sentido de “aumento de número de indivíduos ou objetos (cardinalidade). Ou seja, exemplos como “As águas vão rolar”, “Vai tudo pelos ares”, “As areias de Copacabana”, dentre outros, acabam expressando amplitude, grande volume. Além disso, as autoras atestam que o morfema -s, se usado em alguns contextos, também pode atualizar a semântica de “tipos ou espécie” (exemplo: “açúcares = mascavo, branco, demerara”). Desse modo, podemos afirmar que, em nomes contáveis, o plural sempre apresentará a leitura de cardinalidade (possibilidade de contagem de indivíduos) e, em nomes massivos, a morfologia plural apresentará a ideia de tipos, eventos ou uma possível leitura de volume/amplitude. (GOMES e OLIVEIRA, 2019).

A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO: REVISÃO DE LITERATURA

Na discussão sobre a diferenciação de contável-massivo, é primordial, sob a luz da Semântica Formal, refletir sobre os sintagmas nominais, uma vez que se entende que é preciso desconstruir a ideia de que os sintagmas nominais

apenas nomeiam seres. A tradição gramatical quase sempre induz o falante/estudante a esse pensamento, contudo, segundo Gomes e Mendes (2018, p. 67), os SN também “denotam sentimentos [...], estados [...], eventos [...], materiais [...], líquidos [...], substâncias [...] etc”. Com isso, foi feita uma separação dos SN em dois grandes grupos: contáveis e massivos (GOMES; MENDES, 2018, p. 68).

À primeira vista, podemos entender que os nomes massivos fazem referência a substâncias sem forma (visão ontológica) e sem unidade padrão no mundo (visão gramatical). Além disso, não podem ser pluralizados e nem receber modificação alguma por números cardinais (como podemos ver nos exemplos apresentados por Gomes e Mendes (2018, p. 72): lamas, oxigênios, 3 oxigênios, 3 lamas etc). Em contrapartida, os nomes contáveis denotam objetos que são entidades de fácil individualização, e, portanto, são passíveis de contagem. Tal separação entre massivos e contáveis foi proposta por estudiosos que perceberam “certa correlação entre a natureza do referente, de um lado, e o comportamento sintático-semântico dos SN, de outro, observada em línguas naturais diversas” (GOMES; MENDES, 2018, p. 68). Em outras palavras, existe uma grande possibilidade de combinação de sintagmas nominais a predicados diversos - o que representa muitas opções de representação de diferentes referentes que funcionam como argumentos.

Nesse contexto, existem autores que discutem se esta separação entre nomes massivos e contáveis se dá por meio de uma distinção linguística ou extralinguística. Dessa forma, as autoras Gomes e Mendes (2018) examinam critérios propostos pelos estudiosos que discutem a distinção contável-massivo.

Uma das primeiras exposições feitas pelas autoras, e já considerada como linha insustentável, é a proposta de nomes massivos e contáveis com

base nas propriedades extralinguísticas - visão ontológica. Já no início da discussão, as autoras apresentam a problemática em relação a essa visão, pois um mesmo referente no mundo que pode ser considerado um nome massivo em uma língua, pode ser um nome contável em outra. Ademais, em uma mesma língua, tal visão pode ser contestada ao se refletir que um mesmo SN, a depender do contexto, pode ser considerado massivo ou contável, o que representa uma não rigidez quanto à classificação. Outra questão que contraria a visão ontológica é a possibilidade de acessar/entender o mesmo referente de duas maneiras diferentes. Ou seja, através de usos de pares como “dinheiro” e “real” (exemplos apresentados pelas autoras GOMES; MENDES, 2018, p. 69), é possível acessar o mesmo referente, sendo que um nome é massivo (“dinheiro”) e outro é contável (“real”).

Outra abordagem a ser analisada na distinção contável-massivo é a que usa a visão ontológica como um segundo plano da língua, ou seja, os fatores extralinguísticos não são os determinantes nesta perspectiva. Desse modo, a distinção entre nomes massivos e contáveis ocorre por meio da utilização do “critério semântico do modo de referência” (GOMES; MENDES, 2018, p. 69).

Nesses termos, são apresentadas algumas propriedades do modo de referência das expressões nominais. São elas: i) Cumulatividade: só pode ocorrer em SN massivos e SN plurais. Em outras palavras, a referência cumulativa permite usar o nome no plural para representar a partir de dois indivíduos até um número qualquer que continue a passar a ideia de plural; ii) Divisibilidade: é uma ideia proporcionalmente oposta da cumulatividade. Nesta propriedade em questão, o teste é feito para checar se determinada expressão pode ser utilizada para representar partes constituintes de uma dada referência.

Com base nessas propriedades, chega-se a algumas conclusões como: “SN plurais não

apresentam a propriedade da divisibilidade (...)” (GOMES; MENDES, 2018, p. 71), “(...) SN contáveis singulares também não apresentam divisibilidade no seu modo de referir.” (GOMES; MENDES, 2018, p. 71), “Assim, nomes de massa são divisíveis, nomes contáveis não” (GOMES; MENDES, 2018, p. 71).

Após as análises semânticas feitas, as autoras apresentam visões baseadas em critérios sintáticos, ou seja, os estudiosos que são aderentes de tal visão acreditam que um nome é denominado massivo ou contável com base no comportamento sintático do SN. As propriedades gramaticais apresentadas são: (i) A combinação com morfologia de plural: chega-se à conclusão que o morfema -s gera uma leitura de ‘mais quantidade’ em nomes contáveis (ideia cardinal) e, com nomes massivos, a ideia pode ser de “volume ou de tipos” (GOMES; MENDES, 2018, p. 72); (ii) A combinação direta com numerais cardinais: a conclusão que se chega é que os nomes contáveis são naturalmente combinados com numerais e, em contrapartida, os massivos só aceitam numeral cardinal se vierem acompanhados de um sintagma de medida, sendo esta uma proposta defendida por Chierchia (1998) para todas as línguas naturais.

Desse modo, tais propriedades gramaticais podem ser chamadas de propriedades de assinatura, pois podem ser usadas a fim de testar o comportamento sintático dos nomes para, enfim, classificá-los como massivos ou contáveis. Nesses termos, as autoras discutem casos que as propriedades de assinaturas não conseguem determinar de fato se o caso em questão corresponde a nomes massivos ou contáveis. Desse modo, elas apresentam os exemplos de “papel”, “chocolate” e “pedra” (GOMES; MENDES, 2018, p. 75), que são nomes que tanto podem ser considerados como substâncias quanto “unidades de coisas compostas por tais materiais” (GOMES; MENDES, 2018, p. 75). Em outras

palavras, a conclusão a que se chega é que nomes como estes apresentados acima são denominados nomes flexíveis. Além desses, há nomes que são indiscutivelmente contáveis (pois podem assumir forma plural e combinam com cardinalidade), mas não possuem uma unidade mínima muito definida. Para este caso, os exemplos apresentados por Rothstein (2017) são “cerca”, “corda” e “buquê”. No entanto, ainda há nomes que representam uma ideia de plural, de cumulatividade, mas não permitem contagem por numerais e nem morfema de plural. Estes são chamados de falso massivos e exemplos desses nomes são: “gente”, “móvel”, “criançada” e “bagagem” (CHIERCHIA, 1998).

A conclusão a que se chega, portanto, é a de que a divisão dos nomes em dois grupos é muito diminuta. Dessa forma, a fim de mostrar a diversidade de tipos de nomes existentes, as autoras apresentam e discutem cinco tipos de SN: contáveis (com átomos naturais); contáveis (sem átomo natural, de difícil delimitação); massivos de substância; falsos massivos e flexíveis.

Segundo Müller e Doron (2012), em relação à distinção massivo-contável, existe uma visão ingênua que pode ser traduzida, resumidamente, como: “uma distinção cognitiva entre matéria homogênea, que não possui unidades para serem contadas, e matéria descontínua, que possui unidades atômicas e que por isso pode ser contada” (p. 80).

Essa distinção feita entre nomes massivos e contáveis pode ser diferenciada em línguas diversas. Nesses termos, por haver uma discrepância nesta distinção, as autoras defendem que a “distinção massivo-contável de fato reflete na grande maioria dos casos uma distinção cognitiva.” (p. 81).

Em sua análise, Müller e Doron (2012) argumentam em prol da instabilidade das unidades de nomes massivos como no exemplo apresentado “móvel”. Para isso, em primeiro momento, as autoras, com base no Karitiana, uma língua Tupi-

Arikém, apresentam que “contabilidade, na maior parte dos casos, independe de uma distinção linguística formal entre massivo-contável.” (MÜLLER; DORON, 2012, p. 82).

Ao analisarem a língua Karitiana, as autoras atestam que, nessa língua em questão, não há sequer uma marcação explícita da distinção massivo-contável, já que a língua não tem determinante e que não existe morfologia de número no sistema nominal do Karitiana; ou seja, explicitamente não há possibilidade de separar nomes massivos dos contáveis. No entanto, com base nos dados apresentados, é possível ver que a contagem é atestada na língua, ou seja, pode haver cardinalidade, mas não há flexão para número. Outra observação apresentada é que, “quantificadores de medida e demonstrativos também não fazem distinção entre massivos e contáveis, já que se combinam igualmente com ambos” (MÜLLER; DORON, 2012, p. 84). Ou seja, quantificadores como “muito/muitos”, “pouco/poucos” podem figurar tanto em contextos de nomes contáveis quanto com nomes massivos. Ademais, as autoras ainda exemplificam e discutem que os demonstrativos também apresentam a possibilidade de combinarem, igualmente, com nomes massivos e contáveis.

Chierchia (2010) chama de *the signature property* o “status marcado de um nome massivo quando combinado diretamente com uma expressão de número” (MÜLLER; DORON, 2012, p. 85). É nesse contexto, portanto, que a distinção massivo-contável se manifesta. De maneira geral, os nomes contáveis são modificados por numerais; já os massivos, se receberem modificação por numerais, precisam de um contexto muito forte para que sejam interpretados. Para as autoras, “quantificadores distributivos quando aplicados a nomes massivos não produzem sentenças gramaticais, (...), a não ser que contextos muito particulares sejam dados, introduzindo sintagmas de medida possíveis para

os nomes em questão”. (MÜLLER; DORON, 2012, p. 85-86).

Ao analisarem a língua Karitiana, Müller e Doron (2012) referem-se à expressão “a propriedade da elasticidade” (*the property of elasticity*) atestada por Chierchia (2010). Na língua analisada, isso representa que há a possibilidade de mudança de massivo para contável ou vice-versa. Tal questão ainda pode ser garantida no Karitiana com base no que Lewis (1975) chama de “empacotador universal” (*universal packager*), que insere um ‘pacote’ natural ou cultural implícito. Temos como exemplo a sentença (16): “Eu descartei duas cocolas” (MÜLLER; DORON, 2012, p. 88). Até esse ponto, as autoras mostram que, no Karitiana, a noção de contabilidade é diretamente expressa sem que haja a intervenção de uma marcação morfológica nos nomes contáveis.

Em uma proposta de contrapor a questão da distinção massivo-contável e sua (não) relação com morfologia de plural, as autoras também analisam o hebraico que, diferentemente do Karitiana, apresenta morfologia nominal plural. Contudo, de maneira similar ao Karitiana, no hebraico não é esta morfologia plural que é responsável por diferenciar nomes contáveis e massivos.

Nesse contexto, por meio de análise de *corpus*, Müller e Doron (2012) apresentam que a “maioria dos nomes massivos em hebraico não pluraliza (...). Por outro lado, também há muitos nomes massivos em hebraico que são plurais. Nesse caso, a morfologia plural não marca uma leitura contável, mas mantém a interpretação massiva.” (p. 89,90). Ademais, ainda atestam que há, no hebraico, alguns nomes massivos que apresentam contraste morfológico entre singular e plural (como nos exemplos dados pelas autoras: “chuva. masculino” e “chuva-plural”; “neve, masculino” e “neve-plural”). (p. 90).

Uma importante observação feita pelas autoras que também é algo que vem sendo discutido,

para outras línguas, é que “semanticamente, a forma plural dos termos massivos, quando contrastada com o singular, denota ‘plural de abundância.’” (MÜLLER; DORON, 2012, p. 91).

O TESTE

Como já dito anteriormente, o teste tinha como objetivo verificar o que é proposto pela teoria sobre nomes massivos que aceitam morfema plural (GOMES; MENDES, 2018, p. 64) em contraste com o comportamento dos nomes contáveis com o morfema -s. Dessa maneira, ao serem submetidos ao teste, os informantes interpretariam alguns dados como “as águas”, “os ventos”, “as areias” (nomes massivos) *versus* “as cadeiras”, “as almofadas”, “as bolas” (nomes contáveis). Com base nisso, propusemo-nos a analisar se, para os nomes massivos e contáveis na forma plural, os informantes interpretavam os SNs como representantes da ideia de número de unidades, volume abundante, número de tipos ou episódios.

O teste foi construído a partir de fragmentos retirados da internet que apresentavam nomes massivos ou nomes contáveis. Sendo assim, em cada fragmento, destacamos em negrito a expressão que continha os nomes (massivos ou contáveis), sem usar essa nomenclatura específica. A instrução era que o participante lesse o fragmento, prestasse atenção às expressões em negrito e marcasse, como em uma escala (de 1 a 4, sem a obrigatoriedade de usar todos os números), as imagens que melhor descrevesse o fragmento lido. Desse modo, as imagens foram selecionadas e organizadas sob os seguintes padrões: (i) imagem um = foto do local ou indivíduo descrito (ex.: a baía da Guanabara para a expressão “as águas da Guanabara”); (ii) imagem dois = foto de um único tanto da substância com volume alto (ex.: um grande balde ou garrafão cheio de água); (iii) imagem três = foto de dois ou três vasilhas pequenas com a substância (ex.: três

copinhos de água) ; (iv) imagem quatro: tipos (ex.: água de filtro, de torneira, de garrafa, com gás, sem gás). Com isso, a escolha de (i) mostra identificação de volume amplo formando um indivíduo específico; a de (ii), volume; a (iii), cardinalidade de indivíduos; e (iv), cardinalidade de tipos. No entanto, vale ressaltar que, para alguns exemplos de nomes massivos, a forma de organização das imagens foi um pouco diferente, justamente pelo fato de alguns massivos não apresentarem a possibilidade de combinação com cardinalidade (diferente de alguns nomes massivos que aceitam cardinalidade se acompanhados de um sintagma de medida, como por exemplo: uma garrafa de água). Estes exemplos foram: a) céu (apresentando imagens com as leituras de: (i) identificação de volume amplo formando um indivíduo específico; (ii) amplitude/identificação de volume amplo formando um indivíduo específico; (iii) eventos (momentos do dia, aparências diferentes do mesmo céu em diferentes horas); (iv) tipo (segundo a descrição de um céu mais religioso); e uma outra imagem que, de certa forma, representa o nome que está sendo descrito; b) vento (apresentando imagens com as leituras de: (i) vento tomando uma imagem inteira (a foto mostra algo voando), (ii) intensidade, (iii) origens/ fontes diferentes (do respiradouro do metrô, do ventilador, do secador de cabelo) e (iv) tipos (tufão, furacão, brisa).

Vejam, abaixo, a proposta do teste já com as instruções de preenchimento:

“Leia os trechos abaixo com atenção. Por favor, escreva (1) para a imagem que, em sua opinião, melhor descreve a quantidade que as expressões em negrito manifestam; Se, em sua leitura, você achar que existem outras possibilidades de imagens, escreva (2), (3) ou (4), respectivamente, para expressar a segunda, terceira e quarta imagens que conseguem representar as expressões em negrito. A partir de então, teremos uma escala das possíveis

interpretações! (Observação: Se você achar que alguma das imagens não deve ser considerada para descrever a expressão em negrito, você não deve escrever até o número (4), ou seja, você pode escrever apenas (1); ou (1) e (2); ou (1), (2) e (3); ou (1), (2), (3) e (4), a depender da sua interpretação.)”



(a) **As águas termais de Caldas Novas (GO)** são famosas. É o maior manancial do mundo. Ali as águas são aquecidas por um processo que acontece dentro da terra. Dizem que os benefícios incluem o alívio de dores reumáticas, o rejuvenescimento da pele, o controle da pressão arterial e a diminuição de problemas respiratórios. (<https://www.rioquente.com.br/blog/os-beneficios-das-aguas-termais-de-rio-quente>)



(b) Todos temos algumas cadeiras em casa. Esse é um móvel que vem roubando a cena das casas mais bem-decoradas do momento. Seus estilos, cada vez mais inovadores, variam muito e servem para ambientar tanto a área interna quanto externa de um local. Hoje em dia, as cadeiras oferecem ainda mais beleza, conforto e durabilidade. (<https://www.toqueacampainha.com.br/cadeiras>)

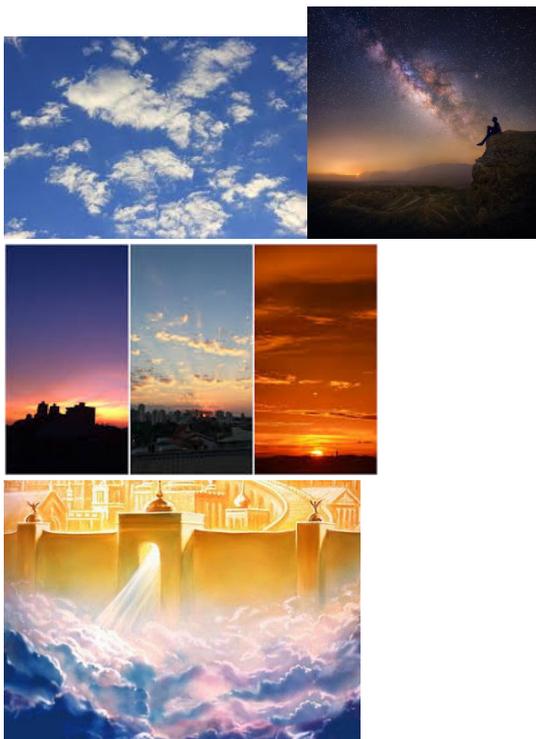
(c) Aulões grátis da SmartFit agitaram as areias de Copacabana neste sábado. Enquanto uns nadavam e outros curtiam o sol na manhã deste sábado, em Copacabana, Zona Sul do Rio, muitas pessoas aproveitaram para se exercitar e, ao mesmo tempo se divertir, nos aulões da SmartFit, no quiosque do DIA. Ao som de vários ritmos, mais de 150 pessoas se movimentaram com a Zumba, Fit Dance e Bodycombat, das 8h às 12h, na orla. (<https://istoe.com.br/auloes-gratis-da-smartfit-agitaram-as-areias-de-copacabana-neste-sabado/>)



(d) Um “set” de bolas consiste em seis vermelhas, seis azuis e uma bola alvo branca. **As bolas** devem pesar 275 +/- 12 gramas cada uma e medir 270 +/- 8 milímetros. Os lados são autorizados a verificarem as bolas antes e depois da moeda ao ar e se o pedido for considerado razoável, poderão ser utilizadas diferentes bolas. (http://alfarrabio.di.uminho.pt/de-braga/mod/cfd/desp_adapt/regras_boccia.htm)



(e) No princípio Deus criou **os céus** e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia. (Gênesis 1:1-5)



(f) Na sala especificamente, que recebe toda a família e amigos para momentos de descontração e relaxamento, as almofadas exercem um papel fundamental na composição do ambiente, deixando-o mais bonito e gostoso para encostar, se divertir, conversar e até tirar um cochilo. Por isso, é fundamental saber escolher as almofadas da sala

para que o ambiente fique harmonioso. (<https://www.tuacasa.com.br/almofadas-para-sala/>)



(g) **Os ventos** são geralmente classificados de acordo com a sua escala, rapidez, tipos de forças que os provocam, regiões em que ocorrem e com o seu efeito. Os ventos de maior intensidade observados no sistema solar ocorrem em Neptuno e Saturno. Os ventos têm várias características,

entre as quais a sua velocidade, a densidade dos gases envolvidos e a sua energia eólica. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vento>)



(h) Algumas mesas podem ter formas distintas, mas, de maneira geral, a forma mais comum (e pela qual a mesa é definida no dicionário) é a retangular, mas a utilização e a conversão às variadas situações faz com que a mesa assuma diversas formas. A história da mesa é marcada de incontáveis experimentos de formas e materiais, alguns até considerados impossíveis de se utilizar. (Adaptado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesa>)



(i) **As terras indígenas** são bens da União inalienáveis e indisponíveis, e os direitos dos índios sobre elas não caducam. Historicamente os povos que primeiro viviam no Brasil sofreram uma série de abusos por parte dos conquistadores europeus, que levaram muitos à extinção ou ao declínio acentuado. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Terras_ind%C3%ADgenas)



(j) Nas águas da Baía de Guanabara repousa o Museu do Amanhã. No entanto, mais do que um local escolhido para sua construção, a Baía representa os valores éticos que o guiam – Sustentabilidade e Convivência. Como queremos viver com o ecossistema da Baía? Como pretendemos conviver com aqueles que habitam suas águas? Dois questionamentos essenciais a que o Amanhã se propõe. (<https://museudoamanha.org.br/pt-br/as-aguas-da-baia-de-guanabara>)





ANÁLISE DO TESTE

Como já dito anteriormente, para uma análise, não é possível olhar o nome isoladamente, ou seja, para saber a interpretação de quantidade do plural, no nosso teste, temos de ver a sentença completa. Os fatores para essa análise são: (i) presença/ausência de morfologia plural; (ii) o nome ser massivo ou contável; (iii) o nome ser nu ou ter determinante; (iv) a sentença ser genérica ou episódica.

O teste foi aplicado a dez pessoas (mulheres e homens) de idades diferentes (entre vinte e cinquenta e seis anos). A única restrição era que

nenhum participante fosse da área de Letras/Linguística. Ao serem submetidos ao teste, os participantes tinham livre escolha para marcarem de 1 a 4, a depender de sua interpretação, relacionando as imagens ao fragmento de texto exposto. Disponibilizamos, abaixo, uma tabela expondo o resumo das respostas dos participantes. Cada linha representa um fragmento (ou seja, dez fragmentos que foram disponibilizados no teste); já as colunas representam as opções de imagens apresentadas (i), (ii), (iii) e/ou (iv). Ao lado das opções das imagens apresentadas, colocamos, abaixo, os números de 1 a 4 para representar a escala das respostas dos participantes, lembrando que 1 foi usado para a imagem que melhor descrevia o fragmento apresentado. Em uma escala, apresentamos, em azul, o primeiro lugar; em verde, o segundo lugar; em vermelho, o terceiro lugar; e em lilás, o quarto lugar (de acordo com a leitura/interpretação dos participantes).

a) “As águas termais de Caldas Novas (GO)...”	(i) 1- 8 pessoas 2- 0 pessoa 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa	(ii) 1- 1 pessoa 2- 1 pessoa 3- 0 pessoa 4- 1 pessoa	(iii) 1- 0 pessoa 2- 0 pessoa 3- 1 pessoa 4- 0 pessoa	(iv) 1- 1 pessoa 2- 3 pessoas 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa
b) “...algumas cadeiras...”	(i) 1- 1 pessoa 2- 1 pessoa 3- 1 pessoa 4- 0 pessoa	(ii) 1- 1 pessoa 2- 0 pessoa 3- 0 pessoa 4- 1 pessoa	(iii) 1- 1 pessoa 2- 2 pessoas 3- 2 pessoas 4- 0 pessoa	(iv) 1- 7 pessoas 2- 3 pessoas 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa
c) “...as areias de Copacabana...”	(i) 1- 9 pessoas 2- 0 pessoa 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa	(ii) 1- 0 pessoa 2- 1 pessoa 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa	(iii) 1- 0 pessoa 2- 0 pessoa 3- 1 pessoa 4- 0 pessoa	(iv) 1- 1 pessoa 2- 1 pessoa 3- 0 pessoa 4- 1 pessoa
d) “...As bolas...”	(i) 1- 2 pessoas 2- 0 pessoa 3- 1 pessoa 4- 1 pessoa	(ii) 1- 1 pessoa 2- 0 pessoa 3- 0 pessoa 4- 1 pessoa	(iii) 1-2 pessoas 2- 5 pessoas 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa	(iv) 1- 5 pessoas 2- 0 pessoa 3- 2 pessoas 4- 0 pessoa
e) “...os céus...”	(i) 1- 4 pessoas 2- 3 pessoas 3- 1 pessoa 4- 0 pessoa	(ii) 1- 0 pessoa 2- 3 pessoas 3- 3 pessoas 4- 0 pessoa	(iii) 1- 4 pessoas 2- 2 pessoas 3- 2 pessoas 4- 0 pessoa	(iv) 1- 2 pessoas 2- 0 pessoa 3- 1 pessoa 4- 2 pessoas
f) “...as almofadas...”	(i) 1- 1 pessoa 2- 2 pessoas 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa	(ii) 1- 1 pessoa 2- 1 pessoa 3- 2 pessoas 4- 0 pessoa	(iii) 1- 0 pessoa 2- 2 pessoas 3- 1 pessoa 4- 1 pessoa	(iv) 1- 8 pessoas 2- 2 pessoas 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa

g) “Os ventos...”	(i) 1- 1 pessoa 2- 2 pessoas 3- 2 pessoas 4- 2 pessoas	(ii) 1- 1 pessoa 2- 2 pessoas 3- 3 pessoas 4- 0 pessoa	(iii) 1- 1 pessoa 2- 1 pessoa 3- 1 pessoa 4- 1 pessoa	(iv) 1- 7 pessoas 2- 3 pessoas 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa
h) “Algumas mesas...”	(i) 1- 1 pessoa 2- 2 pessoas 3- 1 pessoa 4- 0 pessoa	(ii) 1- 1 pessoa 2- 1 pessoa 3- 2 pessoas 4- 2 pessoas	(iii) 1- 1 pessoa 2- 3 pessoas 3- 2 pessoas 4- 1 pessoa	(iv) 1- 7 pessoas 2- 3 pessoas 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa
i) “As terras indígenas...”	(i) 1- 1 pessoa 2- 4 pessoas 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa	(ii) 1- 5 pessoas 2- 0 pessoa 3- 2 pessoas 4- 0 pessoa	(iii) 1- 1 pessoa 2- 1 pessoa 3- 1 pessoa 4- 2 pessoas	(iv) 1- 3 pessoas 2- 3 pessoas 3- 1 pessoa 4- 1 pessoa
j) “Naságuas da Baía de Guanabara...”	(i) 1- 9 pessoas 2- 0 pessoa 3- 0 pessoa 4- 0 pessoa	(ii) 1- 0 pessoa 2- 1 pessoa 3- 0 pessoa 4- 1 pessoa	(iii) 1- 1 pessoa 2- 0 pessoa 3- 2 pessoas 4- 0 pessoa	(iv) 1- 0 pessoa 2- 1 pessoa 3- 0 pessoa 4- 1 pessoa

Em relação às similaridades encontradas nos fragmentos, observamos que todas os trechos em negrito apresentam morfologia plural e todos os nomes são acompanhados por algum determinante. Sobre as diferenças, podemos concluir que, no teste, há nomes massivos (sentenças *a*, *c*, *e*, *g*, *i* e *j*) e nomes contáveis (sentenças *b*, *d*, *f* e *h*); em relação às sentenças serem genéricas ou episódicas, observamos que *f*, *g*, *h* e *i* são sentenças genéricas e *a*, *b*, *c*, *d*, *e* e *j* são episódicas.

Analisando sentença por sentença, vemos que:

- I. em *a* (As águas termais de Caldas Novas (GO)), os participantes mostraram uma preferência pela imagem (i) que representa o local descrito (identificação de volume amplo formando um indivíduo específico); no entanto, alguns participantes fizeram a leitura de cardinalidade de tipos (iv) e poucos fizeram a leitura de volume (ii) e de divisibilidade/cardinalidade de indivíduos (nesses dois últimos, apenas um participante votou em cada uma das opções);
- II. em *b* (algumas cadeiras), a interpretação mais votada foi a de cardinalidade de tipos (iv); como segunda opção, alguns outros participantes também votaram na leitura de cardinalidade de tipos (iv); poucos

votaram nas imagens com uma grande cadeira (representando uma amplitude/volume do objeto) (ii) e em (iii) que representa cardinalidade de indivíduos;

- III. em *c* (as areias de Copacabana), a maioria dos participantes preferiu a leitura de (i), ou seja, de identificação de volume amplo formando um indivíduo específico; como segunda opção, houve empate na leitura de (ii) volume e (iv) cardinalidade de tipos (apenas dois participantes votaram nessas opções, um em cada); em terceiro lugar, um participante votou na leitura de (iii) cardinalidade de indivíduos e, em quarto lugar, outro participante também votou na leitura de (iv) cardinalidade de tipos.
- IV. em *d* (As bolas), grande parte dos participantes preferiu a leitura de cardinalidade de tipos (iv); uma boa parte dos participantes também votou significativamente, em segundo lugar, na opção (iii) que representa cardinalidade de indivíduos; alguns poucos votaram nas leituras (i) e (ii) que representam, respectivamente, identificação de volume amplo formando um indivíduo específico e volume;
- V. em *e* (os céus), houve empate do primeiro lugar, ou seja, boa parte

- dos participantes votou em (i) e outra boa parte votou em (iii) que, respectivamente, atualizam a ideia de (i) identificação de volume amplo formando um indivíduo específico e (iii) eventos (momentos do dia, aparências diferentes do mesmo céu em diferentes horas); em segundo lugar, também houve empate entre as imagens (i) e (ii: amplitude/identificação de volume amplo formando um indivíduo específico) que, como dito anteriormente, acabam apresentando sentidos muito próximos; em terceiro lugar, a imagem mais votada também foi a (ii); em quarto, alguns poucos participantes votaram na leitura do tipo de céu mais religioso;
- VI. em f (as almofadas), os participante preferiram a leitura (iv) que representa cardinalidade de tipos; como segunda opção, houve empate entre as imagens (i), (iii) e (iv) (que representam, respectivamente: identificação do objeto específico que está sendo descrito, cardinalidade de indivíduos e cardinalidade de tipos); em terceiro lugar, poucos participantes votaram na interpretação (ii) de volume e, como quarta opção, apenas um participante votou na imagem (iii) que representa cardinalidade de indivíduos.
- VII. em g (Os ventos), obtivemos grande parte dos votos na imagem (iv) que representa tipos de vento (tufão, furacão, brisa etc); como segunda opção, os votos dos participantes também foram na imagem (iv); como terceira opção, a imagem mais escolhida foi a (ii) que representa intensidade; em último lugar, poucos votos foram para a imagem (i) que mostra o vento tomando uma imagem inteira (a foto mostra algo voando).
- VIII. em h (Algumas mesas), encontramos como a primeira opção mais votada, a imagem (iv) que mostra cardinalidade de tipos; em segundo lugar, encontramos três votos também para a imagem (iv) e três votos para a imagem (iii: cardinalidade de indivíduos); como terceira opção, dois votos também foram para a imagem (iii) e outros dois votos para a imagem (ii: volume) ; em último lugar, obtivemos dois votos também para a imagem (ii);
- IX. em i (As terras indígenas), metade dos participantes escolheram a opção (ii) de volume; como segunda opção, a imagem (i) foi escolhida representando volume amplo formando um lugar específico; em terceiro lugar, dois votos também foram para a imagem (ii); em quarto lugar, a imagem escolhida foi a (iii) que representa cardinalidade de indivíduos; (aqui vale ressaltar que a imagem (iv) que representa tipos/diversidade de terras indígenas até foi escolhida, mas não tão significativamente para entrar na escala de 1º a 4º lugar);
- X. em j (Naságuas da Baía de Guanabara), nove dos dez participantes votaram em (i) como primeira opção, ou seja, fizeram a leitura de identificação de volume amplo formando um indivíduo/lugar específico; em segundo lugar, a imagem (ii) aparece empatada com a (iv) (cada uma com apenas um voto). Respectivamente, as leituras são de: volume e cardinalidade de tipos; como terceira opção, a imagem mais escolhida foi a (iii), representando cardinalidade de indivíduos; como uma última opção, houve empate entre poucos votos dos participantes nas imagens (ii) e (iv) (cada uma com um voto apenas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma cuidadosa análise do teste aplicado, podemos perceber, de modo bem geral, que o uso do morfema plural -s está sempre muito associado

a uma leitura de cardinalidade aos nomes contáveis (até mesmo porque isso tem sido defendido pela GT ao longo do tempo, ou seja, que o -s indica 'mais de um' independente do que está sendo descrito). No entanto, apresentamos, neste trabalho, exemplos de nomes massivos que permitem o uso do morfema -s sem ser associado à leitura de cardinalidade. Desse modo, apresentamos aqui que esta seria uma leitura de volume, tipos e/ou eventos. Nesse contexto, concluímos e relembramos que os casos de nomes massivos pluralizados são mais restritos no PB e sempre necessitam de estar inseridos em algum contexto.

Nos exemplos apresentados no teste, a maioria dos exemplos de Sintagmas de determinantes massivos (independentemente se em sentenças genéricas ou episódicas) foi interpretada com a leitura de volume amplo formando um indivíduo específico. Em relação aos sintagmas determinantes contáveis (independentemente se em sentenças genéricas ou episódicas) foram entendidos com a leitura de cardinalidade (tipos).

Como já discutido no trabalho, após a análise do teste, podemos confirmar o que é defendido por Gomes e Oliveira (2019): os nomes massivos no PB até podem ser pluralizados, mas isso não ocorre com uma leitura de cardinalidade. Em outras palavras, quando um nome massivo recebe morfema -s no PB, isso acontecerá em contextos específicos que representam uma interpretação de volume, amplitude, abundância e eventos. Desse modo, é válido ressaltar a importância de se repensar o que é exposto na GT sobre o morfema de plural -s. Por ser descrito na GT, tem-se disseminado, ao longo do tempo, que o uso do -s no PB indica cardinalidade (leitura de mais de um). No entanto, defendemos, aqui, que esta não é a única possibilidade de leitura, ou seja, com esse trabalho, defendemos a possibilidade de haver plural em nomes massivos indicando volume e eventos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIERCHIA, G. "Plurality of Mass Nouns and the Notion of "Semantic Parameter"", DIPSCO Working Papers, Milan. A revised version appeared in S. Rothstein (ed.), *Events and Grammar*, Kluwer, Dordrecht, 1998.

CHIERCHIA, G. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese*, v. 174, n. 1, p. 99-149, 2010.

GOMES, A. Q.; SANCHEZ-MENDES, L. *Para conhecer semântica*. São Paulo: Contexto, 2018.

LINK, G. The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice-theoretical approach. In: BAÜRLE, R.; C. SCHWARZE, C.; A. VON STECHOW, A. (orgs.). *Meaning, Use and Interpretation of Language*. Berlin: De Gruyter, 1983. p. 302-323.

MÜLLER, A.; DORON, E. Nomes nus e a distinção massivo-contável. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 80-106, 2012.

OLIVEIRA, L. K. S.; Um estudo sobre nomes massivos no plural: uma contribuição para a semântica dos nominais em PB. 2019. Monografia - UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

ROTHSTEIN, S. *Semantics for Counting and Measuring*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

Submissão: setembro de 2020.

Aceite: maio de 2021.